

## NEGÓCIOS &amp; FINANÇAS

*from Brazil*

■ Continuação da capa

# As opções para incentivar as exportações

No governo, não há um modelo pré-estabelecido para impulsionar o comércio exterior e sequer uma discussão amadurecida, com métodos e instrumentos de ação já identificados. Mas a tese que vem ganhando corpo é que a intervenção do governo deve se dar de maneira disseminada, atendendo igualmente a todos os setores — como está fazendo hoje em caráter experimental o BNDES ao abrir linhas de crédito a custos mais baixos para empresas que quiserem se reestruturar e ganhar capacidade de exportação.

Há mais um elenco de medidas, abrigadas no capítulo de redução do custo Brasil, que foram identificadas desde o início do governo Fernando Henrique Cardoso, sem grandes avanços em sua implementação. Elas estão entre aquelas prioridades que se desgastaram sem nunca chegar de fato a receber tratamento prioritário, como a redução dos custos portuários nos grandes portos do Sudeste do país.

A única decisão clara em relação ao problema das exportações dentro do governo é não usar o câmbio como instrumento de estímulo à ex-

portação. E por uma razão simples, aponta um assessor do Ministério da Fazenda: com o grau já razoável de abertura e dependência de importações da indústria brasileira, uma pancada no câmbio produziria alta dos preços dos seus produtos e dos custos de seus financiamentos.

São grandes as chances de que se colha o mesmo resultado de todas as desvalorizações bruscas de câmbio dos anos 80: a mudança do patamar da inflação, que na época era provocada principalmente pela indexação da economia. Além dis-

so, as pancadas no câmbio não conseguiram impedir a contínua perda de expressão das exportações brasileiras no comércio internacional.

Maxidesvalorizações estão afastadas, mas isso não significa descartar correções mais aceleradas do câmbio. Embora a estimativa de inflação para este ano seja bem menor que a de 1996, o mercado futuro já vem trabalhando com desvalorizações mensais de 0,8% na margem, acima da média de 0,6% do ano passado. (Claudia Safatle e Vera Brandimarte)